

## A TRADIÇÃO ITAPARICA E AS INDÚSTRIAS LÍTICAS PRÉ-CERÂMICAS DA LAPA DO BOQUETE (MG - BRASIL)

Emílio Fogaça\*

*La valeur théorique attribuée par l'anthropologie évolutionniste moderne à la technologie est historiquement contingente. L'homme est aujourd'hui dépendant des machines et, en termes d'évolution, l'avenir de la culture paraît assujéti au progrès de cette panoplie. Au demeurant, qu'est-ce que la préhistoire, sinon un inventaire d'outils, car, comme l'a dit fort justement un archéologue connu, "les gens, eux, ils sont morts".*  
(Sahlins, 1972)

*Whatever the meaning of these differences, they exist.*  
(Bordes, 1979)

FOGAÇA, E. A Tradição Itaparica e as indústrias líticas pré-cerâmicas da Lapa do Boquete (MG - Brasil). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 5: 145-158, 1995.

**RESUMO:** As primeiras indústrias líticas do holoceno no Planalto Central do Brasil são agrupadas por alguns arqueólogos dentro de um horizonte paleo-índio denominado Tradição Itaparica. As coleções estudadas provêm majoritariamente de sondagens em abrigos. As comparações entre indústrias baseiam-se sobretudo em descrições de instrumentos retocados. Neste artigo, procura-se discutir a validade de tais atribuições culturais a partir da análise tecnológica das primeiras indústrias da Lapa do Boquete (1200-8000 AP). Levanta-se, então, a hipótese da coexistência de estratégias acuradas e expeditas. Por fim, sugere-se a identificação no material de características que podem ressaltar de comportamentos oriundos de necessidades não funcionais, portadores talvez de signos de uma real identidade étnica.

**UNITERMOS:** Arqueologia de Minas Gerais – Caçadores – Lítico – Tradição Itaparica.

Pretendo tratar aqui de alguns problemas metodológicos ligados à caracterização de coleções líticas recuperadas num único sítio e à sua inserção num contexto mais amplo, macro-regional.

(\*) Setor de Arqueologia (MHN-UFGM), bolsista da FAPEMIG.

As indústrias em estudo foram recuperadas em 30m<sup>2</sup> escavados na Lapa do Boquete (vale do rio Peruaçu, Minas Gerais) nos níveis arqueológicos VIII, VII, VI e V, datados entre 12000 e 7000 AP. Enquadram-se portanto no que se convencionou chamar de períodos Paleo-Índio e Arcaico Inferior. No Planalto Central brasileiro, as indústrias desse in-

tervalo cronológico são agrupadas por alguns autores sob o termo *Tradição Itaparica*.

Esse termo foi primeiramente utilizado por V. Calderón durante pesquisas realizadas na década de sessenta. Denominou Tradição Itaparica as indústrias líticas que reconheceu através de escavação por níveis artificiais na Gruta do Padre (Pernambuco) e aquelas recuperadas em outros cinco sítios superficiais, depósitos aluvionais não distantes da Gruta do Padre (Calderón, 1969: 136; 1983: 40-42). Dividiu sua Tradição em duas Fases: *Fase Itaparica* (a partir de 8000/7000 AP) e *Fase São Francisco* (a partir de 2500 AP).

Calderón estabeleceu a presença de lesmas como fóssil-guia de seu horizonte antigo. Preocupou-se com a utilização de terminologias arbitrárias para a descrição de pontas de projétil e com a ausência de métodos estatísticos (os *gráficos* acumulativos de F. Bordes?) para a caracterização dos complexos industriais e sua comparação. Numa perspectiva de reconstrução histórico-cultural, Calderón assume a utilização dos conceitos de Tradição e Fase para a identificação de migrações pré-históricas (Calderón, 1973: 25).

Mas foi durante os anos setenta que o termo se firmou na bibliografia graças às pesquisas pioneiras empreendidas por P.I.Schmitz no Estado de Goiás (principalmente em seu terço mais meridional, no sudoeste do estado, na região de Serranópolis). Em Serranópolis, nove abrigos foram sondados (poços-teste de 2x2m) e um abrigo escavado (GO-JA-01, 40m<sup>2</sup>), todos por níveis artificiais de 10cm de espessura. Schmitz identifica na sucessão industrial desses sítios duas Fases pré-cerâmicas: *Fase Paranaíba* e *Fase Serranópolis*. A primeira caracteriza-se pela presença de artefatos plano-convexos considerados semelhantes àqueles recuperados por Calderón (Schmitz, 1980: 207) e pertencentes à mesma Tradição Itaparica. Perduraria de 11000 a 9000 AP. A Fase Serranópolis se manifesta pela presença de indústrias sobre suportes pouco transformados que não se enquadram no esquema tipológico que descreve a Fase anterior (pertencendo assim a uma Tradição não definida).

Schmitz dirige suas análises para a descrição detalhada de tipos de artefatos (sem entretanto responder às sugestões de quantificação de Calderón com a publicação de gráficos acumulativos para comparar as indústrias). Estabelece também a lesma como fóssil-guia do horizonte antigo (Schmitz, Barbosa, Ribeiro, eds., 1978/79/80:22). Preocupa-

se em comparar as indústrias de Serranópolis com indústrias de outras regiões. Reconhece, por semelhança tipológica e/ou coincidências de datações, material da Fase Paranaíba em sítios a céu-aberto de Goiás (Caiapônia) e de horizontes antigos da Tradição Itaparica em estados do sudoeste (Minas Gerais e São Paulo – com algumas reticências) e do nordeste (Schmitz, 1980: 207-08, 1984: quadros anexos).

Destacando a raridade das pontas de projétil líticas (que começam a surgir em torno de 9000/8500 AP), levanta a hipótese de que existiria no Brasil um horizonte Paleo-Índio sem pontas (Centro-Nordeste) e um horizonte com pontas (Planalto Meridional). No Centro-Nordeste, tratar-se-iam de culturas – ligadas a áreas de cerrado e caatinga – de caçadores-coletores generalizados. Servem igualmente como argumentos para essas hipóteses o desconhecimento de sítios de matança e, em Goiás, a presença de vestígios alimentares indicadores da utilização dos abrigos como habitações ocupadas durante todo o ciclo anual (Schmitz, Barbosa, Ribeiro, eds., 1978/79/80: 18-21).

Este me parece ser, em suas grandes linhas, o contexto macro-regional hoje estabelecido para o Planalto Central brasileiro. Constitui-se de dois conjuntos referenciais associados:

– *uma sistematização de dados empíricos*: uma sucessão de indústrias líticas pré-cerâmicas que se inicia por um período no qual predominam artefatos unifaciais, seguido de outro período de indústrias sem artefatos tipologicamente reconhecíveis, ambos associados, por vezes e em alguns sítios, a peças bifaciais;

– *uma sistematização de idéias para interpretar os dados organizados*: um amplo contexto sócio-cultural (determinado ecologicamente) cujo sistema econômico explicaria as indústrias do primeiro período; o desaparecimento dos instrumentos antigos explicar-se-ia por variáveis ambientais independentes, implicando em novas estratégias adaptativas e em novas indústrias líticas.

Obviamente, se ambos os conjuntos referenciais são construções lógicas, não é necessário haver entre eles uma relação de causa e efeito.

No entanto, as pesquisas realizadas segundo as estratégias elaboradas pelo PRONAPA – ainda que postulassem a carência de informações arqueológicas no Brasil de então e a necessidade de definir rapidamente grandes quadros do passado pré-his-

tórico – tinham como referencial teórico, explícita ou implicitamente, a *reconstrução histórica das culturas arqueológicas*. (Mas sobretudo nos EUA já se impunham – desde meados dos anos sessenta – outras perspectivas teórico-metodológicas, vinculando a prática arqueológica a outros referenciais: antropologia cultural, paleontologia, geografia, teoria dos sistemas, etc.).

Se foi então aceito pela maioria da arqueologia brasileira este único referencial, houve também uma relação circular entre a sistematização dos dados empíricos e das teorias: na perspectiva da reconstrução histórico-cultural (na qual, convém lembrar, o determinismo ecológico é um conceito-chave) importava a identificação das *semelhanças* entre as culturas materiais (cf. Binford, 1965; Cahen & Karlin, 1980; Texier, 1980). Gerava-se daí a utilidade das tipologias como forma de sistematização dos objetos líticos: ferramentas semelhantes vão significar culturas semelhantes em ambientes semelhantes.

Ao destacar-se para estudos tipológicos os objetos (retocados) visualizados como ferramentas que intermediam as ações humanas e o meio ambiente (e cuja razão de ser não incorporaria valores não funcionais), construía-se assim uma ponte de trânsito rápido entre a natureza e a cultura, esta última representada por um conjunto de normas fossilizadas nas morfologias dos objetos estudados.

Tais observações parecem-me necessárias para poder vislumbrar a Tradição Itaparica sobre outro ângulo e caracterizar mais concretamente a relação entre ela e os achados da Lapa do Boquete que estudo.

Os vestígios arqueológicos, quer se queira ou não, são apenas *amostras* de universos nunca completamente reconstituíveis (Gallay, 1986).

Na relação entre as amostras e o universo sobre a qual é construída a Tradição Itaparica, destaco:

1) na caracterização macro-regional (Centro-Nordeste) da Tradição Itaparica, foram por vezes considerados aspectos específicos dos resultados alcançados em Goiás, tidos como representativos de um horizonte antigo bem mais vasto;

2) em Goiás, como em todos os outros estados concernidos, o contexto pré-histórico é reconstituído majoritariamente a partir das estratigrafias de abrigos; é, no entanto, bastante plausível conceber tal classe de sítios como representativa de um aspecto parcial de sistemas de implantação que incorporam também sítios a céu-aberto – seja de economias forrageiras ou

coletoras; os vestígios em cada classe de sítio podem resultar de séries de comportamentos não diretamente determinadas por normas culturais rígidas, mas também por respostas circunstanciais a contingências de diversas origens (Binford, 1977, 1979). Assim sendo, a presença de vestígios alimentares que caracterizam um ciclo anual de ocupação não permitiria supor, por extrapolação lógica, um ciclo anual (sem variações espaciais) representativo de toda a gama de necessidades técnicas de utilização da pedra lascada;

3) as escavações por níveis artificiais podem não permitir a distinção de curtos momentos de ocupação; poços-testes de pequenas dimensões não permitem distinguir diferentes áreas de atividades nem, mais especificamente, conjuntos fechados de vestígios concomitantes (*ensembles-clos*, segundo Audouze: *unité de temps, unité de lieu, unité d'action*, sd.: 58);

4) conforme já mencionado, no conjunto dos objetos líticos recuperados, somente as peças retocadas foram selecionadas para estudo minucioso; as metodologias para análise dos aspectos que podem anteceder à produção de artefatos (Torrence, 1986), que podem definir as estratégias de obtenção da matéria-prima (Meignen, 1980; Perlès, 1980; Demars, 1982) e os métodos de lascamento (Fish, sd.; Inizan, 1980; Cahen & Karlin, 1980; Sullivan & Rozen, 1985; Bleed, 1986) e, finalmente, o retoque que não visa exclusivamente a obtenção de formas padronizadas (Flenniken, sd.; Bleed, 1986; Odell, 1988) não foram ainda exploradas para a interpretação desses vestígios.

Essa sequência de observações parecem-me exemplificar aspectos das reflexões de Gallay (1986: 126-157) a respeito das dificuldades de reconstituir a totalidade (ou quase) dos sistemas (e de suas interações) sócio-culturais que caracterizariam as sociedades sem escritura extintas. Conforme destaca esse autor, na trajetória que vai de uma sociedade pré-histórica cuja dinâmica complexa permitia a coesão de seus membros e a sua sobrevivência até a seleção (feita pelo arqueólogo) de parte de seus vestígios materiais para estudo, uma série de fatores intervêm, como se fossem malhas de peneiras, provocando perda de informação (*le palimpseste du temps*). Tais fatores tanto são naturais (erosão, conservação diferencial dos vestígios, etc.) quanto *determinados pelas estratégias da pesquisa*.

Volto então às observações relacionadas acima para tentar destacar alguns fatores (ideológicos e metodológicos) envolvidos em cada etapa, a saber:

1') a caracterização macro-regional: a partir de amostras de vestígios de diferentes regiões *as similaridades das indústrias são postuladas por um raciocínio analógico* no qual as hipóteses construídas a partir das pesquisas em Goiás constituem o *campo de referência* externo (cf. Gardin, 1979, citado por Gallay, 1986: 116-117); torna-se então ato de fé, para alguns autores, que os sítios com indústrias antigas plano-convexas se localizem em áreas de cerrado e que a presença de pontas de projétil nos abrigos, mesmo raras, não seja significativa no conjunto das indústrias, já que para a caça diversificada no cerrado tais armas não seriam necessárias (Barbosa, 1992);

2') a localização de diferentes classes de sítios em uma determinada região: ela depende, dentre vários fatores, daquilo que os arqueólogos anglo-saxões denominam *obtrussiveness* (Schiffer; Sullivan; Klinger, 1979): uma determinada metodologia de levantamento e prospecção leva à descoberta de uma determinada classe de sítio. (É necessário, entretanto, ressaltar que, para os arqueólogos dedicados a estudos de arqueologia regional, a descoberta de sítios a céu-aberto enterrados e o controle de tais amostras permanecem um problema maior [Caldarelli: seminários realizados no IGPA/UCG durante o Projeto de Pesquisa Arqueológica das UHEs Serra da Mesa e Cana Brava, 1989-1990]);

3') a definição no âmbito de um sítio da capacidade de resolução das metodologias de coleta de dados: conforme já mencionado, as estratégias adotadas dependem, voluntariamente ou não, dos pressupostos teóricos da pesquisa;

4') a delimitação dos significados de uma indústria lítica: a variação observada no investimento técnico para a transformação de suportes (a presença do retoque unifacial e seu posterior desaparecimento) é considerada culturalmente significativa (transição, por exemplo, da Fase Paranaíba para a Fase Serranópolis) sem que outras hipóteses relativas, por exemplo, a variações funcionais dos assentamentos sejam previamente esgotadas (cf. Fish, sd.; Binford, 1979; Bleed, 1986).

Cabe, então, tratar das indústrias líticas antigas da Lapa do Boquete.

Com efeito, seria possível agrupar as coleções em dois grandes conjuntos distintos (Fases): do nível VIII ao VI (12000 - 8000 AP), foram recuperados instrumentos retocados unifacialmente (associados, entretanto, *no nível mais antigo* a detritos de *façonnage* de peças foliáceas e a um fragmento de ponta de projétil). A partir do nível V (sem datações) desaparecem na área escavada os instrumentos retocados (bem como os *nuclei*), havendo ocorrência de novas variedades de sílex (Fogaça & Lima, 1991; Prous, 1991; Prous *et alii*, 1992).

Dentro desses limites descritivos, pode-se visualizar um parentesco entre as coleções antigas e aquelas características da Tradição Itaparica.

Mas a análise tecnológica do material fornece novas bases descritivas que permitem compreendê-lo enquanto amostras, definir outros ritmos de variação das indústrias e abrir, assim, caminho para outras tentativas de interpretação.

Para tanto, o estudo empreendido privilegia a reconstituição das cadeias operatórias.

A classificação tecnológica e a contabilização da parte já analisada do material do nível VIII (cerca de 10% do total de detritos recuperado), e da totalidade dos instrumentos e nucleos (Fogaça & Lima, 1991) permitiram esboçar as grandes linhas das cadeias operatórias adotadas (Prous *et alii*, 1992: 355). Foi então possível perceber que os vestígios líticos preservados na área até então escavada representavam apenas alguns estágios das cadeias operatórias: basicamente *façonnage* de peças bifaciais, retoque unifacial de suportes robustos, utilização de instrumentos retocados, provavelmente refresco e transformação formal de alguns destes e, também provavelmente, produção de lascas médias para utilização de gumes brutos cortantes (a verificação das possibilidades de refresco e transformação de instrumentos e de utilização de gumes brutos dependem ainda de análises tecnológicas de amostras maiores de detritos – para caracterizar os possíveis rejeitos dessas atividades – e de análises traceológicas desses objetos não retocados, ambas já em curso).

Em linhas gerais, essa ruptura espacio-temporal percebida nas cadeias operatórias do nível VIII parece repetir-se também nos níveis VII e VI. No entanto, as pequenas lascas oriundas dos processos de *façonnage* e de retoque das peças bifaciais, bastante padronizadas no nível VIII (Fogaça & Lima, 1991), não apareceram nos níveis VII e VI.

A grande maioria dos instrumentos retocados e dos *núclei* recuperados do nível VIII inferior (o mais antigo descoberto até agora) provém de uma concentração próxima à parede oeste do abrigo (Prous *et alii*, 1992: 362). Esta coincidência (área escavada/área de concentração de categorias específicas), de certa forma, *superepresentaria os instrumentos e núclei na coleção recuperada* se a escavação tivesse se limitado aos poucos metros que concentram esse material. Caso não houvesse também documentação tri-dimensional dos vestígios – para permitir análise espacial – e controle estratigráfico dos níveis naturais, esse viés amostral não seria percebido.

Posto que não se dispõe de todas as etapas das cadeias operatórias, não é possível relacionar toda a variedade de objetos retocados a suportes brutos que teoricamente serviriam para a sua confecção.

Essa lacuna é superada parcialmente pela leitura diacrítica dos negativos de lascamento preservados nos instrumentos. Na grande maioria das peças é possível diferenciar os negativos dos suportes originais daqueles resultantes dos gestos posteriores de *façonnage* (dos volumes) e retoque final (dos gumes).

Foram aproveitadas como suportes para instrumentos plano-convexos sempre lascas robustas (mas com espessura relativa variável em relação à razão Largura/Comprimento). Esses suportes seguiram uma nervura guia coincidente com o eixo de debitação ou então apresentam faces superiores lisas, sem nervuras longitudinais que resultassem em lascas com morfologia C L. Os raspadores e raspadeiras plano-convexos (Prous *et alii*, 1992) não parecem, portanto, resultar de uma estratégia de pré-determinação dos suportes estabelecida desde a debitação dos núclei, mas de uma seleção *a posteriori* dos suportes de módulos mais apropriados.

Esses suportes podem ser muito ou pouco transformados. Podem receber retoques diretos, curtos, sub-paralelos e que afetam somente pequenas extensões dos gumes (Fig. 2: a); podem também ser modificados por processos mais complexos, com várias sequências de gestos (Fig. 1:a). Neste caso, distinguem-se basicamente três etapas de *façonnage* e de retoque:

*1ª etapa*: retiradas relativamente longas e paralelas, em um ou ambos os lados (em função, parece-me, da morfologia original do suporte, simétrica ou não); em alguns casos, um dos lados pode ser transformado por retiradas mais abruptas (sem receber posteriormente retoques curtos nos gumes) que criam uma espécie de dorso oposto à parte supostamente ativa;

*2ª etapa*: sequência de retiradas menos longas, relativamente largas e sub-paralelas, que deixam contra-bulbos profundos, por vezes não regularizados pelos retoques finais; dessa forma, deixam as bordas com um delineamento ligeiramente denticulado;

*3ª etapa*: retoques curtos, escamosos ou sub-paralelos, necessariamente mais semi-abruptos que as retiradas anteriores; esses retoques, nem sempre contínuos, visam aparentemente reforçar determinadas extensões dos gumes ou reavivá-los após o desgaste do fio bruto.

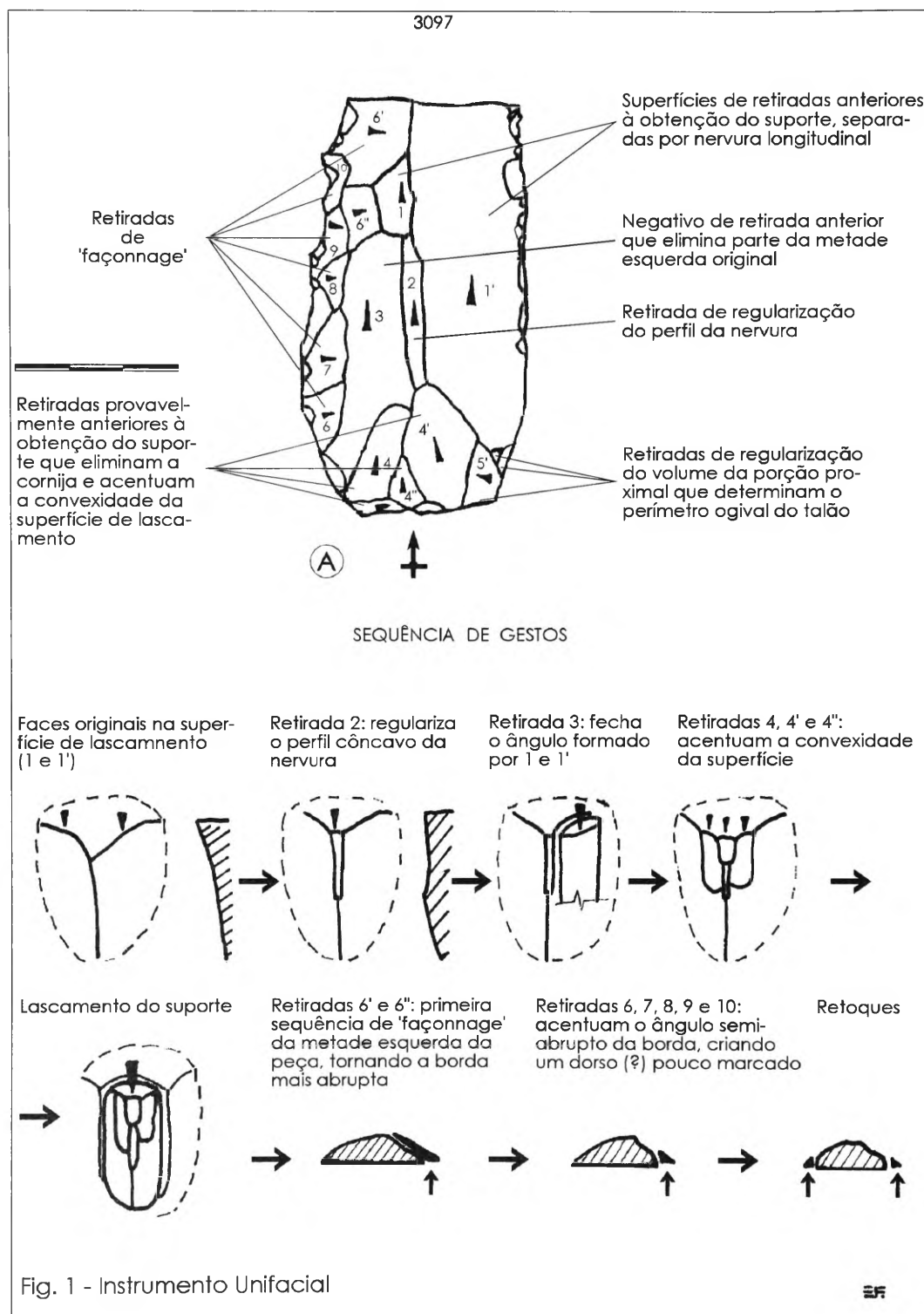
Os processos, aqui bastante esquematizados, sugerem diferentes investimentos técnicos resultando em peças mais ou menos padronizadas, simétricas segundo o eixo morfológico e com volume equilibrado. Porém, em vários casos, a morfologia final dos instrumentos parece ser resultante de estratégias de retransformação e reaproveitamento de outras peças (ver, por exemplo, Fig. 2:b). Tratam-se de artefatos trabalhados em toda a sua periferia ou que apresentam gumes abruptos e retilíneos opostos a bordas convexas menos trabalhadas (nesse caso, a dissimetria morfológica não corresponderia às normas de um modelo padronizado mas talvez ao frescamento repetitivo de um dos gumes; a forma original só seria reconstituível caso fosse possível remontar as peças resultantes de todo o processo).

As lesmas, elas, foram recuperadas na sua maioria nas quadras mais ao norte da escavação, onde parte da estratigrafia não indica o mesmo ritmo sedimentar que na metade sul da zona escavada. Somente o nível VIII pode ser claramente reconhecido.

É difícil afirmar como seriam os suportes originais das lesmas. As suas faces não trabalhadas são geralmente superfícies lisas, sobre as quais somente discretas convexidades ou indícios de ondas de percussão permitem supor tratar-se de lascas de debitação.

As sequências de gestos de transformação dos suportes podem produzir, com retiradas invadentes a partir de ambos os lados, cretas longitudinais sinuosas (Fig.3:a); quando as retiradas são mais curtas, preservam porções centrais lisas (Fig.3:b) – testemunhos (prováveis) das faces superiores dos suportes originais (que, nesses casos, podem ser os mesmos que aqueles aproveitados para a fabricação de raspadores e raspadeiras).

A peça a da Fig.3 resulta de sequências de retiradas inicialmente efetuadas a partir de ambos os



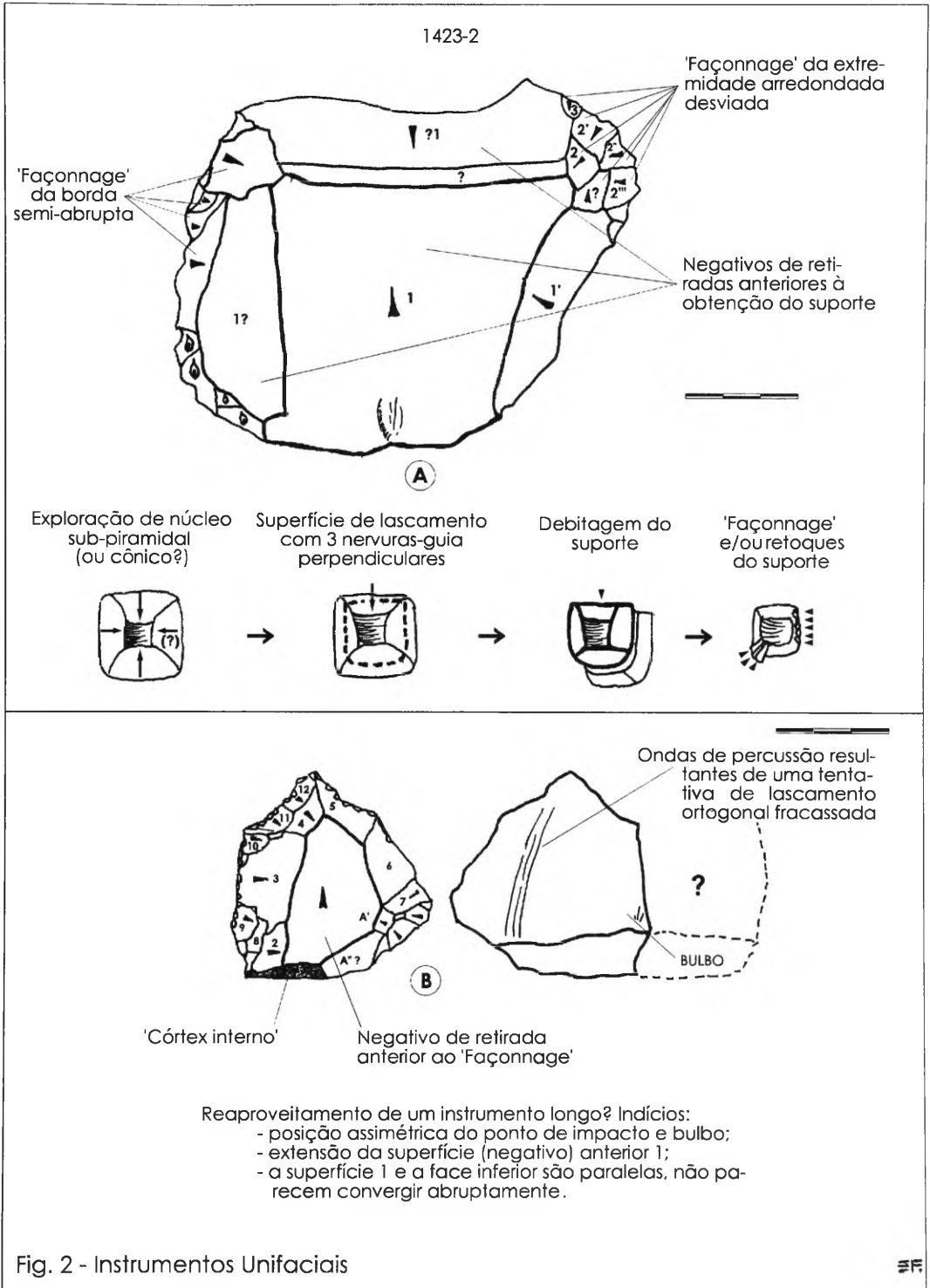


Fig. 2 - Instrumentos Unifaciais

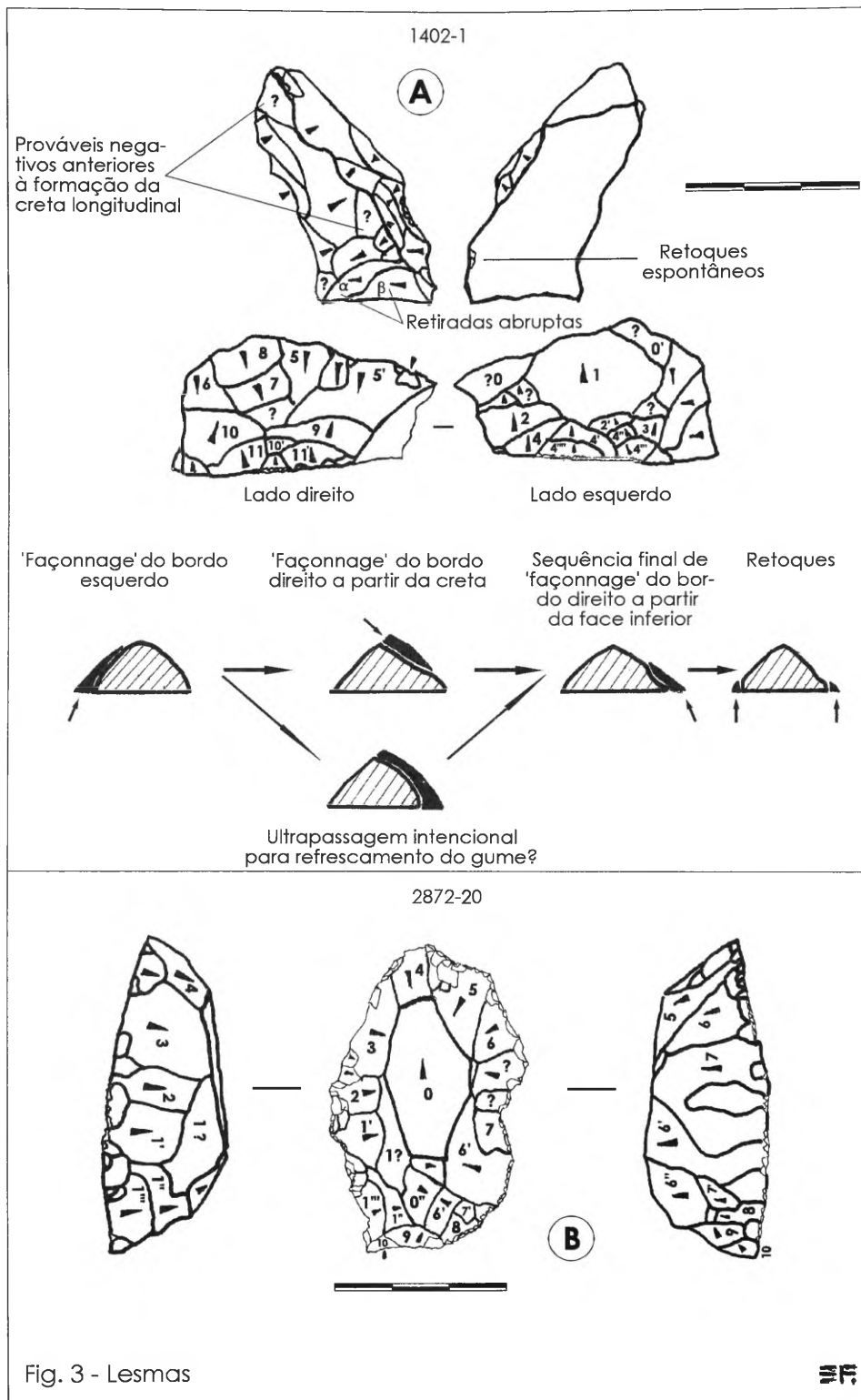


Fig. 3 - Lesmas



lados que criaram a creta sinuosa. Houve, então, retiradas *a partir desta creta* (cujos contra-bulbos acentuam a sua sinuosidade), opostas àquelas sobre o lado direito. Duas hipóteses podem explicar esse gesto: emagrecimento durante a fabricação ou refrescamento após uso do artefato. Caso se trate de retiradas visando emagrecer o lado direito da peça, elas provocaram uma dissimetria volumétrica que *distancia a peça do padrão tipológico da lesma*. Um método de reavivagem de artefatos plano-convexos utilizando retiradas intencionalmente ultrapassantes a partir de cretas longitudinais foi comprovado no Estado de São Paulo, tanto pela presença dos artefatos quanto dos dejetos característicos (Caldarelli, 1984: 251-255).

Esse método não pode ser ainda proposto para explicar a fabricação das lesmas do Boquete: não somente os negativos das retiradas a partir das cretas estão interrompidos por negativos de retiradas posteriores e opostas, que eliminam suas porções distais – não permitindo saber se ultrapassariam as bordas – bem como não foram identificados até agora os dejetos característicos, lascas ultrapassadas apresentando nas partes distais negativos de retoques dos gumes primitivos.

Os *nuclei* estudados provêm majoritariamente dos níveis VII e VI, testemunham estratégias de debitage a partir de um único plano de percussão, geralmente um plano de fratura, resultando em *nuclei* unipolares e cônicos (Fig.4: b-d). O único exemplar que apresenta três planos de percussão explorados sucessivamente foi recuperado no nível VIII (Fogaça & Lima, 1991: 113-115) (Fig.4: a).

A maioria das peças preserva zonas corticais opostas aos planos de percussão (devido, é claro, à exploração unipolar periférica). Somente uma peça sugere a exploração de seixos de sílex (Fig. 4:d), obteníveis no leito do próprio rio Peruaçu, a algumas centenas de metros em frente ao abrigo. Os outros *nuclei* são todos preparados a partir de nódulos atualmente disponíveis em leitos secos do vale, em depósitos exo-kársticos, e no cone de dejeção do Boquete.

A questão básica para a análise dessas peças é: qual a *relação entre os nuclei e os instrumentos retocados recuperados?*

As estratégias de debitage desses *nuclei* indicam com certeza a produção de artefatos segundo outros esquemas conceituais (distintos daqueles deduzíveis da análise dos plano-convexos e das lesmas), talvez outras modalidades de utilização e de manutenção de ferramentas (cf. Bleed, 1986).

Os principais argumentos para tais hipóteses são:

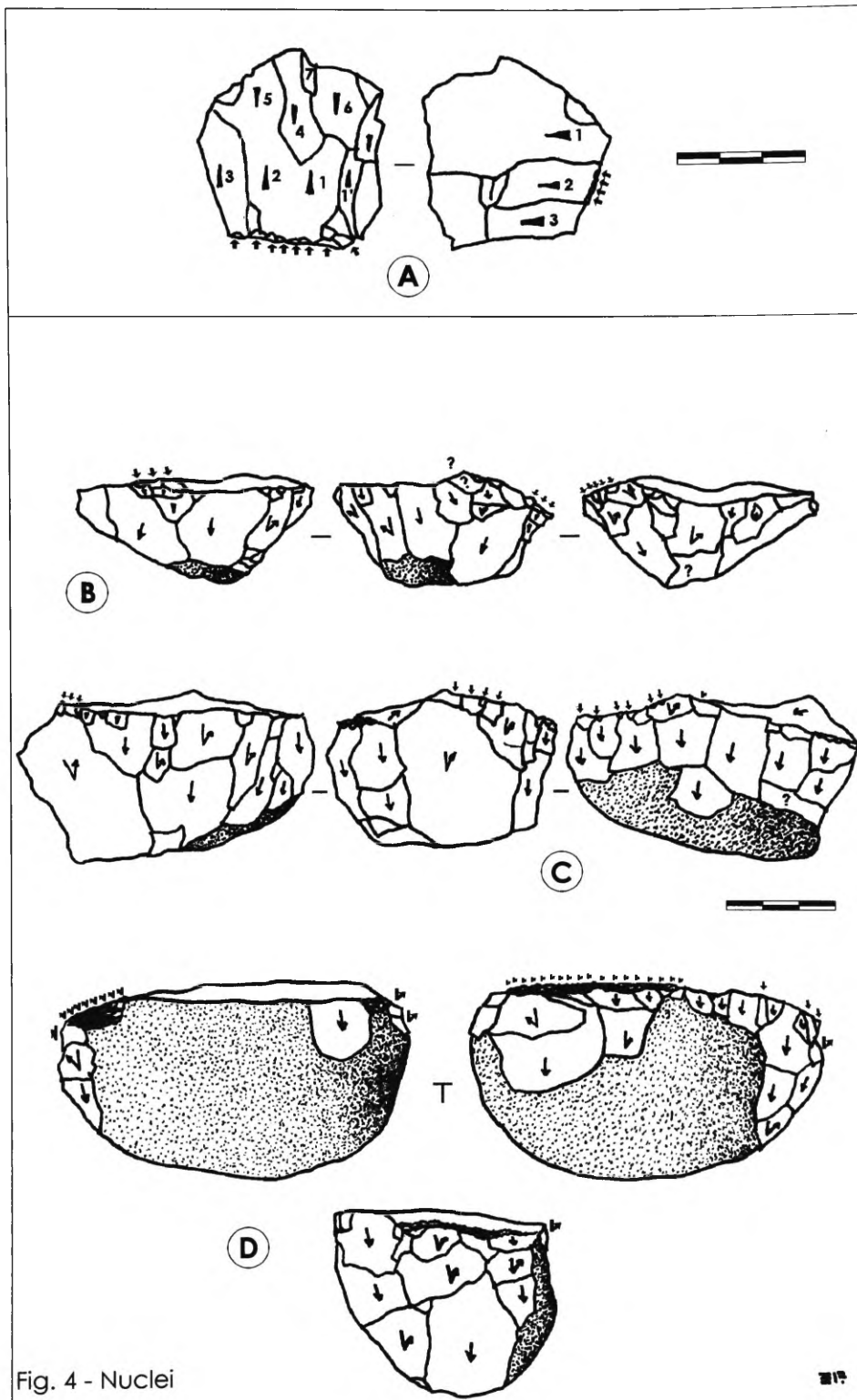
- tratam-se de peças de volume reduzido não permitindo a obtenção de suportes de módulos necessários para a confecção de plano-convexos robustos;

- não há planos de percussão que correspondam a negativos de faces inferiores que poderiam indicar recondicionamento de *nuclei* originalmente maiores (a este processo estariam associadas lascas indicativas de refrescamento de planos de percussão, não identificadas no conjunto do material do Boquete, mas já recuperadas em outros sítios do vale);

- os poucos *nuclei* mais volumosos (que permitiriam a extração de suportes para plano-convexos menores), apesar de apresentarem negativos de lascas iniciais longas – que sugeririam descorticação prévio para posterior debitage daqueles suportes, também longos –, apresentam, entretanto, sequências de retiradas *posteriores mais curtas* (seriam então esses os suportes aí almejados?) (Fig.4: b,c);

- em muitos *nuclei*, a quina periférica formada pelo plano de percussão e pelas superfícies de lascamento apresentam abrasão intensa provocada por percussões insistentes que produziram lascas minúsculas e refletidas sequencialmente (Fig. 4: b,d). Tratar-se-ia de posterior aproveitamento desses *nuclei* como *rabots*, de gestos inábeis visando a eliminação de cornijas (será que, uma vez abandonados, os *nuclei* seriam retomados por aprendizes ?) ou de utilização de percutores inadequados (o que também é sugerido pela presença marcante de negativos de lascas de debitage refletidas) ?; de qualquer forma, todas essas suposições afastam a possibilidade de obtenção de suportes para plano-convexos.

A confirmação da presença de várias cadeias operatórias segundo objetivos diversos pode indicar a concomitância e/ou a alternância temporal no abrigo de tecnologias expeditas e acuradas (*expeditive e curated*, conforme o sentido dado por Binford, 1979). Para identificar tais fenômenos no registro arqueológico será necessário, através de análises espaciais, delimitar os conjuntos fechados e, através de remontagens, verificar o tipo de relação entre as diferentes estratégias. Caso elas alternem-se ou se sucedam cronologicamente dentro dos níveis VIII, VII e VI, será possível supor uma variabilidade na função do



abrigo (em concordância, é certo, com os resultados das análises das outras categorias de vestígios e de outros sítios).

Talvez isto leve a repensar o status de fóssil-guia conferido às lesmas dentro de um longo período até agora considerado homogêneo. Por outro lado, as mudanças entre as camadas inferiores (VIII/VI – Paleo-Índio) e a V (Arcaico Inferior) verificadas através do desaparecimento de instrumentos retocados, não devem esconder a continuidade da utilização de tecnologia(s) expedita(s). Talvez esse tipo de continuidade seja tão significativo quanto as mudanças apontadas.

Volto, por fim, aos problemas propostos no início do texto.

Para levantar a possibilidade de uma variação funcional do abrigo, que contribuiria para explicar a variabilidade das indústrias, considero necessário primeiramente interpretar essa variabilidade *sem extrapolar o contexto do próprio sítio* (ou da parte dele amostrada). Os exemplos de análises tecnológicas fornecidos possibilitam afirmar que somente a partir da reconstrução das cadeias operatórias torna-se possível vislumbrar toda a gama de processos dinâmicos que intervêm na concepção, utilização e abandono dos artefatos de pedra.

Conforme proposto por Perlès (1987), as cadeias operatórias podem, para fins de análise, ser divididas em três etapas simultâneas, caracterizadas por tres conjuntos de estratégias complementares e interativas:

– *estratégias de exploração das matérias primas*: nessa etapa entram em jogo fatores como: abundância das rochas localmente disponíveis, qualidade das rochas (convém lembrar, não só para o lascamento mas sobretudo para o para o tipo de utilização do artefato – percussão ou pressão – e para o efeito sobre o material trabalhado – pele fina, couro, madeira, etc. –; o tempo disponível para aquisição (que implica também em considerar a possibilidade de acesso ou não a determinadas fontes, devido, entre outros fatores, à divisão territorial entre grupos, podendo levar à produção de bens para troca), etc.;

– *estratégias de produção de artefatos*: essas estratégias podem variar, *grosso modo*, entre dois pólos: produção expedita e rápida X produção acurada (necessitando um alto investimento técnico). Além de alguns fatores mencionados na etapa anterior, intervêm aqui con-

tingências técnicas e funcionais (tipos de gume, de encabamento, de elementos para instrumentos compostos, etc.). Tais fatores podem levar a uma maior ou menor padronização dos suportes ou a um maior ou menor investimento da transformação dos suportes pelo retoque;

– *estratégias de gestão de artefatos*: sendo esta a última etapa, o essencial do sistema já está instalado (Perlès, 1987: 26), havendo opções limitadas a serem consideradas. Basicamente pode-se propor como estratégias a produção de artefatos no momento da utilização X produção antecipada dos artefatos (esta oposição vai de encontro às idéias de Binford, 1979 e de Bleed, 1986). Elas se combinam seja com rejeito rápido do instrumento, seja com sua manutenção prolongada. Os parâmetros em jogo podem ser ligados aos tipos de recursos explorados (móveis ou estáticos, percíveis ou não) – que deverão ter influenciado também as etapas anteriores –, resultando na confecção de suportes passíveis de serem retransformados ou rigidamente associados a tipos precisos de ferramentas.

A concepção de tais estratégias e dos parâmetros que as determinam, além de eliminar o determinismo da matéria prima como único ou principal fator de variabilidade, torna-se operacional também para ensaios de interpretações não funcionais da tecnicidade: a compreensão global das indústrias permite a identificação de fenômenos tais como:

– preferências por determinadas matérias primas não explicáveis técnica ou economicamente;

– presença de objetos superinvestidos tecnicamente associados a artefatos mais simples;

– presença de objetos de elevado custo técnico/econômico cuja forma original é mantida sistematicamente, etc..

Tais fenômenos abrem necessariamente perspectivas de interpretação em níveis além do técnico ou do econômico, mas também pertencentes às esferas que Binford (1962) denominou *sociotechnics* e *ideotechnics*.

O estudo tecnológico (englobadas as experimentações e a traceologia) fornece os elementos para se reconstruir com precisão o contexto técnico no qual os instrumentos retocados ganham vida. Permite que estes sejam vistos como entidades polissêmicas (Audouze, sd: 58) pertencentes também ao universo

do simbólico e, *ai então*, ao tradicional: portadores de signos de uma identidade.

### Agradecimentos

Expresso aqui meu reconhecimento aos Professores A. Prous, S. Caldarelli e I. Wüst pelas críti-

cas, conselhos e opiniões que muito contribuíram para clarear as idéias apresentadas neste texto. O trabalho pioneiro no Planalto Central do Professor P.I. Schmitz, tanto no trato cuidadoso com os dados arqueológicos quanto na busca da compreensão das dinâmicas das populações pretéritas, serve-me como constante referência e fonte de aprendizado. A ele gostaria de dedicar este trabalho.

FOGAÇA, E. Tradition Itaparica and early lithic industry of Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brazil). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 5: 145-158, 1995.

**ABSTRACT:** Some archaeologists have grouped the early holocenic lithic industries of central Brazil in a wide paleo-indian horizon named Tradition Itaparica, which remains are mostly found in rockshelters. The outline of the traditions deals only with the descriptions of retouched stone tools found in little test pits. This paper discusses these cultural markers using the technological analysis of Boquete rockshelter early industries (12.000 - 8.000 BP). Some hypothesis are built about time space relationships of curated and expeditives technologies. Some related item are pointed that can be the result of non functional behaviours and so can be understood as makers of a real ethnical identity.

**UNITERMS:** Archaeology of Minas Gerais – Hunter – Lithic – Itaparica Tradition.

### Referências bibliográficas

- AUDOUZE, F.  
sd. L'apport des sols d'habitat à l'étude de l'outillage lithique. *Studia Praehistorica Belgicae*, 4: 58-66.
- BARBOSA, A.S.  
1991 A Tradição Itaparica: uma compreensão ecológica e cultural do povoamento inicial do Planalto Central brasileiro. B. Meggers (Ed.) *Prehistoria Sudamericana*. Ed. Univ. Católica del Norte, Taraxacum/Washington: 145-160.
- BARBOSA, M.O.; FOGAÇA, E.; SILVA, R.T.; MELLO, P.J.C.  
1991 Informações arqueológicas pré-históricas do Estado de Goiás. E. Fogaça (Org.) *Projeto de Pesquisa Arqueológica das UHEs Serra da Mesa e Cana Brava*. Relatório final da etapa de avaliação do potencial arqueológico da área (1989-1991). Furnas Centrais Elétricas S.A. – IGPA/UCG, Goiânia.
- BINDER, D.  
1980 Apports de la technologie lithique à l'étude du Néolithique Provençal. J. Tixier (Org.) *Préhistoire et technologie lithique*. CNRS, Valbonne: 22-23.
- BINFORD, L.R.  
1962 Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*, 28 (2): 217-225.  
1964 A consideration of Archaeological Research Design. *American Antiquity*, 29 (4): 425-441.  
1965 Archaeological systematics and the study of Culture Process. *American Antiquity*, 31(2): 203-210.  
1977 Forty-seven trips: a case study in the character of Archaeological Formation Process. R.V.S. Wright (Ed.) *Stoone tool as Cultural Markers*. Australian Institute of Aboriginal Studies, Canberra: 24-36.  
1979 Organisation and formation process: looking at curated technologies. *Journal of Anthropological Research*, 35 (3) 255-273.
- BINFORD, S.R.; BINFORD, L.R.  
1963 Stone tool and Human behavior. *Scientific American*, 220: 70-84.
- BLEED, P.  
1986 The optimal design of hunting weapons: maintainability or reliability. *American Antiquity*, 51(4): 737-747.

- BORDES, F.  
1979 Comment on D.STILES, Paleolithic culture and culture change: experiment in theory and method. *Current Anthropology*, 20 (1): 10-11.
- CAHEN, D.; KARLIN, C.  
1980 Nouvelles voies pour l'étude des pierres taillées. J. Tixier (Org.) *Préhistoire et technologie lithique*. CNRS, Valbonne: 24-27.
- CALDARELLI, S.B.  
1983 *Lições da Pedra*. Tese de Doutorado. FFLC.H. - USP, São Paulo.  
1984 Ultrapassagem intencional em artefatos plano-convexos da tradição Humaitá no Estado de São Paulo. *Revista de Pré-história*, VI. IPH/USP, São Paulo: 251-255.
- CALDERÓN, V.  
1969 Nota prévia sobre arqueologia das regiões Central e sudoeste do Estado da Bahia - PRONAPA 2 (1966-67). *Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 10, Belém: 135-152.  
1973 A pesquisa arqueológica nos Estados da Bahia e Rio Grande do Norte. *Dédalo*, ano IX, 17/18. MAE-USP, São Paulo: 25-31.  
1983 As tradições líticas de uma região do Baixo-Médio São Francisco (Bahia). *Estudos de Arqueologia e Etnologia/Valentin Calderón*. Coleção Valentin Calderón, 1. UFBA, Salvador: 37-53.
- COLLINS, D.  
1970 Stone artifact analysis and the recognition of culture traditions. *World Archaeology*, 2 (1): 17-27.
- COLLINS, M.B.  
1975 Lithic technology as a mean of processual inference. *Lithic technology: Making and Using stone tools*. Mouton, Hague: 15-34.
- DEMARS, P.-Y.  
1982 L'apport de l'étude des matières premières dans la compréhension de l'outillage lithique. *Tailler! Pourquoi faire: préhistoire et technologie lithique II - Studia Praehistorica Belgica 2*. Musée Royal de l'Afrique Centrale, Tervuren.
- FISH, P.R.  
sd. Beyond tools: Middle Paleolithic debitage analysis and cultural inference. *Journal of Anthropological Research*: 374-386.
- FLENNIKEN, J.J.  
sd. Stone tool reduction techniques as cultural markers: 265-276.
- FOGAÇA, E.; LIMA, M.A.  
1991 L'abri du Boquete (Brésil): les premières industries lithiques de l'holocène. *Journal de la Société des Américanistes*, LXXVII: 11-123.
- GALLAY, A.  
1986 *L'Archéologie Demain*. Belfont, Paris: 320 p.
- HURT, W.  
1988 Tradition Itaparica. *Revista Clio - Série Arqueologia*, 5. UFPE/CNPq, Recife: 55-59.
- INIZAN, M.-L.  
1980 Séries anciennes et économie du débitage. J. Tixier (Org.) *Préhistoire et technologie lithique*. CNRS, Valbonne: 28-30.
- MARTIN, G.; ROCHA, J.S.; LIMA, M.G.  
1986 Indústrias líticas em Itaparica, no vale do médio São Francisco (Pernambuco - Brasil). *Revista Clio - Série Arqueologia*, 3. UFPE/CNPq, Recife: 99-135.
- MEIGNEN, L.  
1980 Approche de l'homme paléolithique. J. Tixier (Org.) *Préhistoire et technologie lithique*. CNRS, Valbonne: 32-34.
- ODELL, G.H.  
1988 Addressing prehistoric hunting practices through stone tool analysis. *American Anthropologist*, 90 (2): 335-356.
- PERLÈS, C.  
1980 Economie de la matière première et Economie du débitage: deux exemples grecs. J. Tixier (Org.) *Préhistoire et technologie lithique*. CNRS, Valbonne: 37-41.  
1987 Bases inferentielles pour l'interprétation de la variabilité des industries lithiques. (ms.), 41 p.
- PROUS, A.  
1991 Fouilles de l'Abri du Boquete, Minas Gerais, Brésil. *Journal de la Société des Américanistes*, LXXVII: 77-110.
- PROUS, A.; LIMA, M.A.; FOGAÇA, E.; BRITO, M.E.  
1992 A indústria lítica da camada VIII da Lapa do Boquete, vale do rio Peruaçu, MG (Brasil). *Anais do III congresso da ABEQUA*. UFMG, CNPq, FAPEMIG, Belo Horizonte: 342-362.
- SAHLINS, M.  
1976 *Age de pierre, âge d'abondance. L'économie des sociétés primitives*. Gallimard, (tradução francesa, por Tina Joles, de *Stone age economics*), 1972, 11 p.
- SCHIFFER, M.B.  
1979 The place of lithic use-wear studies in Behavioral Archaeology. B. Hayden (Ed.) *Lithic Use-Wear Analysis*. Academic Press, New York: 15-25.
- SCHIFFER, M.B.; SULLIVAN, A.P.; KLINGER, T.C.  
1979 The design of archaeological surveys. *World Archaeology*, 10 (1): 1-28.
- SCHMITZ, P.I.  
1980 A evolução da cultura no sudoeste de Goiás, Brasil. *Pesquisas - Antropologia*, 31. IAP, São Leopoldo: 185-225.  
1984 *Caçadores e Coletores antigos no Sudeste do Brasil (31500 a 4000 A.P.)*. IAP-UNISINOS/UCG, São Leopoldo, 57p.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.; WÜST, I.; SCHORR, M.H.A.; MOEHLECKE, S.  
1977 Arqueologia em Goiás em 1976 - Projeto Paranaíba. Estudos Goianienses. *Revista da Universidade Católica de Goiás*, ano IV, 5. UCG., Goiânia: 21-77.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.; RIBEIRO, M.B. (Eds.)  
1978/79/80 Temas de Arqueologia Brasileira -1: Paleo-Índio. *Anuário de Divulgação Científica*, 6. IGPA-UCG, Goiânia, 100 p.

SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S., WÜST, I.; MOEHLECKE, S.

- 1981 Arqueologia del Centro y Sur de Goiás. *Pesquisas – Antropologia*, 32. IAP, São Leopoldo: 85-106.

SULLIVAN, A.P.; ROZEN, K.C.

- 1985 Debitage analysis and archaeological interpretation. *American Antiquity*, 50 (4): 755-779.

TESTART, A.

- 1982 *Les Chasseurs-Cueilleurs ou L'origine des inégalités*. Société d'Ethnographie, Paris, 245 p.

TIXIER, P.-J.

- 1980 Reflexions sur l'étude des ensembles lithiques. J.Tixier (Org.) *Préhistoire et technologie lithique*. CNRS, Valbonne: 44-46.

TORRENCE, R.

- 1986 *Production and exchange of stone tools: prehistoric obsidian in the Aegean – (New Studies in archaeology)*. Cambridge University Press, Cambridge, 256 p.

*Recebido para publicação em 11 de setembro de 1995.*